

“Respeita as mina”: Ensino de Sociologia pelo *instagram* como recurso pedagógico à desnaturalização da violência simbólica sofrida por mulheres

"Respect the mines": Teaching Sociology through Instagram as a pedagogical resource for the denaturalization of symbolic violence suffered by women

Solange Naegele Silva Braga
André Fernando Uébe Mansur
Thiago Soares de Oliveira

Instituto Federal de Produção, Ciência e Tecnologia Fluminense - IFF
Campos dos Goytacazes – Rio de Janeiro - Brasil

Resumo

A violência simbólica direcionada às mulheres por meio das mídias e redes sociais digitais é uma realidade cada vez mais presente, na medida em que se vê uma naturalização e uma banalização das diversas formas de violência. Diante deste contexto, esta pesquisa teve como objetivo compreender como o ensino de Sociologia, pode contribuir para o processo de desnaturalização da violência simbólica sofrida por mulheres nas mídias e redes sociais digitais, utilizando-se do *Instagram* e aliado aos pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC). Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa de tipo Intervenção Pedagógica com alunos da 3ª série do ensino médio de uma escola pública estadual de Campos dos Goytacazes - RJ. Os resultados apontaram que os alunos puderam desnaturalizar a violência simbólica e os papéis de gênero inculcados socialmente, a partir de uma sequência didática baseada na PHC.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia; Violência simbólica; Instagram.

Abstract

Symbolic violence directed at women through digital media and social networks is an increasingly present reality, as the various forms of violence become naturalized and trivialized. Given this context, this research aimed to understand how the teaching of Sociology can contribute to the process of denaturalization of symbolic violence suffered by women in digital media and social networks, using Instagram and allied to the assumptions of Historical-Critical Pedagogy (APS). For research development, was carried out qualitative pedagogical-intervention research with students from the 3rd grade of high school in a state public school in Campos dos Goytacazes - RJ. The results showed that students could denaturalize symbolic violence and socially inculcated gender roles based on a didactic sequence based on the PHC.

Keywords: Sociology Teaching; Symbolic violence; Instagram.

Introdução

O ensino da Sociologia tem um histórico de intermitências de oferta enquanto disciplina escolar. Ela foi inserida e retirada dos currículos por diversas vezes e, atualmente, encontra-se como disciplina obrigatória do ensino médio da Educação Básica desde 2008 (BRASIL, 2008). Essa trajetória de interrupções na oferta da disciplina a coloca num patamar diferente das outras que já estão consolidadas na escola, como a Matemática e o Português (SARANDY, 2004).

Depois de doze anos instituída como disciplina do ensino básico, sua permanência pode estar ameaçada novamente com a nova reforma do ensino médio, que tentou tirar dos currículos escolares a obrigatoriedade do ensino de Sociologia no ensino médio. Essa nova “ameaça” vem mostrar a necessidade de reforçar e reafirmar a importância e a relevância da disciplina, sendo uma das justificativas deste trabalho.

A Reforma do Ensino Médio está baseada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que prevê como uma das dez competências gerais da Educação Básica “compreender, utilizar e criar *tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares)* para se comunicar, acessar e disseminar informações (...)” (BRASIL, 2018, p. 9, grifo nosso).

Nesse sentido, inicialmente, o uso de tecnologias digitais deve ser analisado de forma crítica e reflexiva, pois, em um mundo permeado pelo uso demasiado desses recursos, onde as formas de sociabilidade vêm se modificando, é pertinente promover “um balanço da relação benefício-malefício do desenvolvimento científico e tecnológico para a sociedade”, já que não se pode ignorar que a “ausência de conhecimento leva à falta de responsabilidade” (SILVEIRA; BAZZO, 2009, p. 690).

Tem-se, então, como problemática deste trabalho, a violência simbólica sofrida por mulheres nas mídias e redes sociais digitais. Essa violência já é vivenciada na prática, mas, com o surgimento das novas tecnologias, tem sido amplificada por meio das mídias e redes sociais digitais, reproduzindo a violência simbólica, agora também no mundo virtual.

A partir dessa problemática esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como o ensino de Sociologia, utilizando-se do Instagram como

recurso pedagógico e aliado aos pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica, pode contribuir para o processo de desnaturalização da violência simbólica sofrida por mulheres nas mídias e redes sociais digitais.

Para alcançar este objetivo este estudo tem como base a Pedagogia Histórico-Crítica, criada por Demerval Saviani, na década de 70, pela necessidade de se pensar a prática educativa para a transformação da sociedade, e não de sua reprodução, conforme eram as Pedagogias da época (SAVIANI, 2000).

Os procedimentos adotados em tal proposição estão explicitados em uma sequência didática (SD) e são apoiados pela rede social digital *Instagram*, enquanto tecnologia digital potencializadora para o processo de ensino-aprendizagem.

É relevante destacar que o planejamento dos procedimentos metodológicos deste trabalho precisou ser alterado durante a sua construção, pois as aulas presenciais foram interrompidas, em março de 2020, devido à pandemia do covid-19, vírus que levou à morte mais de 450mil brasileiros nesses um ano e três meses desde o primeiro caso descoberto no Brasil. Para conter a transmissão do vírus, foi instituído, pelo estado, isolamento social desde março de 2020, gerando o fechamento de estabelecimentos comerciais, culturais, entre outros, como a escola, que teve de instituir o Ensino Remoto Emergencial (ERE)¹ nas instituições públicas e privadas a partir de março de 2020, de acordo com a PORTARIA MEC Nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020.

Diante do exposto, além desta introdução, neste artigo discutem-se temas relacionados à proposta deste estudo: a relevância do ensino de Sociologia no século XXI; a violência simbólica nas mídias e redes sociais digitais; a Pedagogia Histórico Crítica aliada às tecnologias digitais. Relatam-se os procedimentos metodológicos da pesquisa. Apresentam-se os resultados obtidos e as considerações finais.

A relevância do ensino de Sociologia no século XXI

A presença da Sociologia no ensino médio é de suma importância, pois é no desenvolvimento dessa disciplina que os estudantes têm a possibilidade de olhar para além do óbvio, de questionar e refletir a realidade, construindo novas formas de pensar, a partir do estranhamento e da desnaturalização de padrões e comportamentos sociais.

Um dos objetivos da Sociologia no ensino médio é a desnaturalização e o estranhamento, justamente o que se propõe neste trabalho em relação à violência simbólica sofrida por mulheres nas mídias e redes sociais digitais. Conforme as OCNEM (Orientações Curriculares para o Ensino Médio)ⁱⁱ (BRASIL, 2006, p. 105), “Um papel central que o pensamento sociológico realiza é a *desnaturalização* das concepções ou explicações dos fenômenos sociais”. Na área de Humanas o texto traça um breve panorama histórico da presença da Sociologia no Ensino Médio e traz os principais objetivos dessa disciplina, que, para além do clichê “formar um cidadão crítico”, procura também aproximar o jovem de uma linguagem especial que a disciplina proporciona, oferecer ao aluno informações próprias do campo dessas ciências e resultados das pesquisas diversas. Além disso, traz modos de pensar ou promove a reconstrução e a desconstrução de modos de pensar.

E é este o objetivo do trabalho, fazer com que os alunos compreendam que os fenômenos, acontecimentos e situações não são naturais, são fruto de construções sociais que naturalizaram e normalizaram certas práticas, as quais podem, portanto, ser desnaturalizadas.

Violência simbólica nas mídias e redes sociais digitais

A violência simbólica é um conceito discutido há tempos por autores das Ciências Humanas, mas, com o surgimento das redes sociais digitais, essa violência vem tomando outras proporções que também precisam ser analisadas à luz das teorias sobre o uso das tecnologias digitais. Conforme Bourdieu,

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser {esse} é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, *enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis*. (BOURDIEU, 2012, p. 82, grifo nosso).

Essa questão é que nos interessa discutir, a partir do exposto que se espera das mulheres sempre um papel e um tipo de comportamento. Espera-se que sejam “femininas”, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas (BOURDIEU, 2012). E é isso que as mídias digitais ainda pregam e reproduzem em pleno século XXI, a partir dos estereótipos de gênero, as mulheres são apresentadas como meras serviçais dos maridos, da casa e do sexo.

A violência praticada em nossa sociedade é, em grande parte, reproduzida nas mídias e redes sociais digitais, por serem ambientes virtuais em que os usuários

se sentem livres para publicarem diversos tipos de conteúdo, inclusive o que se pode configurar como violência simbólica, “*violência suave, insensível, invisível* a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento” (BOURDIEU, 2012, p. 7-8) (grifo nosso). Esse tipo de violência não surge com a chegada da internet, é, antes dela, uma construção social e histórica. As redes sociais digitais não criaram essa onda de intolerância, e sim amplificaram os discursos de ódio já existentes no dia a dia, justamente por conta da linguagem do meio digital. A propósito, segundo Recuero (2013), a violência simbólica acontece por meio da linguagem, mas também é construída pelas relações históricas de dominação nos diversos espaços sociais, que agora passa também a existir nos espaços on-line.

Então, pensa-se que, se há uma banalização ou até mesmo uma naturalização da violência nas redes sociais, também pode haver, a partir delas, o movimento contrário, o de desnaturalização da violência, compartilhando-se conteúdo que possa provocar nos usuários uma reflexão crítica dessas formas de reprodução, contribuindo, assim, para um processo de desconstrução de pré-conceitos, discriminação, estereótipos e estigmas, até porque, de acordo com Goffman (1963), a violência simbólica também é reprodutora dos estereótipos e estigmas sociais.

Para Bourdieu (2012), tal violência simbólica é resultante da dominação masculina, no modo como é imposta e vivenciada, na forma de submissão pela qual passam as mulheres e o modo como nos ordenamos socialmente afirma essa dominação em vários aspectos. Conforme Beauvoir (2009), as mulheres “estão integradas na coletividade governada pelos homens e na qual ocupam lugar de subordinadas”. Para a autora, os homens ensinaram as mulheres a lhes obedecerem, a aceitarem a autoridade masculina. Dessa forma, a construção social do que é ser mulher e ser homem, dos papéis masculinos e femininos foram dados pelo homem.

A pedagogia histórico-crítica aliada às tecnologias digitais

A Pedagogia Histórico-Crítica pode ser considerada sinônimo da Pedagogia Dialética, mas, segundo Saviani, a preferência pelo termo Histórico Crítica se deu pelo fato de *Dialética* ter diferentes interpretações e acabar sendo entendida com

conotações diversas. A Pedagogia Histórico-Crítica “é o empenho em compreender a questão educacional a partir do desenvolvimento histórico objetivo”. (SAVIANI, 2000, P. 102). É uma Pedagogia que quer a transformação da sociedade e não sua manutenção e perpetuação, como era feita pela Pedagogia Tradicional, pela Pedagogia Nova e pela Pedagogia Tecnicista. É uma pedagogia que leva em conta o que o aluno quer aprender, o que o aluno traz de conhecimento prévio.

Essa pedagogia traz, portanto, métodos que se situam para além dos tradicionais e novos, pois supera, por incorporação, as contribuições de uns e de outros. São métodos que estimulam a atividade e a iniciativa dos alunos sem abandonar a iniciativa do professor; favorecem o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; leva em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem ignorar a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos. (SAVIANI, 1989)

Apesar de mencioná-los, Saviani (1989) não detalha, em sua obra, como esses passos devem ser colocados em prática. Não enquanto método de ensino. É João Luiz Gasparin, na obra *Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica* (2005), que demonstra, em cinco capítulos, como esses passos devem ser efetivados. São eles:

1. Prática Social Inicial do conteúdo: o que os alunos e o professor já sabem;
2. Problematização: explicitação dos principais problemas da prática social;
3. Instrumentalização: ações didático-pedagógicas;
4. Catarse: expressão elaborada da nova forma de entender a prática social;
5. Prática Social Final do conteúdo: nova proposta de ação a partir do conteúdo aprendido.

Aliado a este método, trazer o *instagram* como recurso pedagógico para a sala de aula pode potencializar e revitalizar a prática docente, fazendo com que o processo de ensino-aprendizagem seja mais dinâmico e interativo. Deve-se, para isso, pensar o *Insta* como um recurso fundamental para o auxílio no processo de tornar os alunos cidadãos mais críticos e reflexivos, abarcando, assim, uma das habilidades do ensino médio propostas pela BNCC.

Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 560, grifo nosso).

Dessa forma, o *Insta*, utilizado como recurso pedagógico, poderá ser um espaço de aprendizado, e não um mero reprodutor de discursos vazios e insultuosos. A intenção seria ter um ambiente de defesa de argumentos, de construção de conhecimentos, de compartilhamento de aprendizados e de veiculação de conteúdos que levem à reflexão e à criticidade, para a desnaturalização e a desconstrução de pré-conceitos, em consonância com o novo *habitus*ⁱⁱⁱ do aluno.

O posicionamento de Ferreira (2019, p. 351) vai ao encontro de tal proposta ao apontar que, “em uma era de *selfies* repensar o *Instagram* como espaço de autoria, [...] e não como um ambiente propício para narcisos pode ser um desafio, mas certamente é uma provocação necessária”. Pode-se dizer então, nesse contexto, que, numa era de discurso de ódio e naturalização da violência, repensar o *Instagram* como espaço de desnaturalização e de desconstrução de estigmas e estereótipos, relacionando-o à Sociologia, e não como um ambiente propício para machistas, pode ser um desafio, mas é, sem dúvidas, uma “arma” muito útil para a educação.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa de abordagem qualitativa, segundo Gerhardt e Silveira (2009), está centrada na explicação e na compreensão da dinâmica das relações sociais, procura analisar os aspectos da realidade social que não são quantificáveis. Esta pesquisa foi de tipo Intervenção Pedagógica, que, segundo Damiani (2013), é uma modalidade de pesquisa que tem como objetivo a solução de problemas práticos do dia a dia. Auxilia na melhoria do ensino, trata de experimentar novas práticas e verificar as consequências para subsidiar uma tomada de decisão. Essa intervenção, na forma de uma sequência didática, foi feita com os alunos da 3ª série do ensino médio, do ano de 2020. A SD foi planejada para ser aplicada em quinze encontros semanais, no primeiro bimestre de 2020. Destaca-se que são disponibilizados dois

tempos de aulas semanais na disciplina de Sociologia, cada um com 50 minutos de duração.

A SD foi proposta utilizando-se das diversas funcionalidades do *Insta* junto ao método de ensino proposto por Gasparin para a realização das atividades referentes ao conteúdo de Sociologia. A utilização do *Insta* como ferramenta pedagógica foi pensada como forma de motivação dos alunos para os conteúdos trabalhados, visto que, como já dito anteriormente, os jovens do século XXI passam grande parte do tempo utilizando redes sociais digitais.

Para a abordagem do conteúdo de Sociologia, selecionaram-se alguns elementos norteadores para o entendimento do conteúdo. Como citado no item 2.2, a violência simbólica dirigida às mulheres tem ganhado espaço significativo nas mídias e redes sociais digitais, principalmente por meio das músicas, propagandas, memes e frases machistas reproduzidas e compartilhadas nesse ambiente a partir de postagens e publicações. Portanto, no desenvolvimento das aulas, fez-se uso de músicas, propagandas e frases machistas compartilhadas nesses meios como elementos de análise para o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Ribeiro (2016, p. 98):

[...] se esta forma atual de editar uma aula puder produzir mais chances de compreensão da matéria pelos alunos, nova vantagem se somará à situação. [...] é fácil constatar que o uso de mais de uma semiose na apresentação de um conteúdo pode favorecer a aprendizagem.

Optou-se por essa variedade de linguagens, verbais e não-verbais, por acreditar que, oferecendo-se mais de um componente de apreciação por parte dos alunos, as chances de aprendizado serão maiores, além do que tais elementos estão presentes o tempo todo no cotidiano deles.

Além das postagens no *story*, também foram feitas postagens pelo *feed*, em que os alunos deveriam responder às perguntas nos comentários e também aos comentários dos colegas, gerando um fórum de discussão. Fóruns de discussão são espaços privilegiados para o exercício de relações “dialógicas” abertas e plurais sobre temáticas propostas, troca de experiências e feedbacks (PALOFF; PRATT, 2004) entre o professor mediador e estudantes e entre os estudantes.

Esses elementos foram trabalhados em aula a partir do uso do *Insta*, enquanto recurso pedagógico tecnológico, visando a revigorar o ato educativo.

Aqui, o *Insta* não foi usado somente como meio de entretenimento e diversão, mas principalmente como estratégia de estudo e aprendizado.

Após a aplicação da sequência didática, foi utilizado, como instrumento de coleta de dados, o questionário. Além do questionário, durante o desenvolvimento da SD, também se fez uso de outro instrumento de coleta de dados, a observação. Segundo Tozoni (2009, p. 38), “A observação é uma das técnicas de pesquisa mais usadas nas ciências humanas, mas está mais diretamente ligada à pesquisa de campo.” Essa técnica exige o cuidado do pesquisador em esclarecer seu papel de observador, pois participará do cotidiano dos pesquisados.

De modo a alcançar os objetivos específicos, a pesquisa foi dividida em sete etapas: Pesquisa Bibliográfica; Elaboração dos questionários; Pesquisa exploratória – aplicação do questionário inicial (sondagem público alvo); Elaboração da Sequência Didática; Aplicação da Sequência Didática; Coleta de dados após aplicação da Sequência (questionário final); e Análise dos dados.

Com a finalidade de captar as percepções dos estudantes em relação à metodologia adotada e ao uso do *Insta*, aplicou-se o questionário final, contendo dezoito questões, seis abertas e doze fechadas. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), nas questões abertas, o pesquisado responde livremente, da forma que desejar. Já nas questões fechadas, o respondente escolhe uma resposta entre as opções de uma lista predeterminada, indicando aquela que melhor corresponda à que deseja fornecer. As seções do questionário se dividiram em: O Instagram; A Sequência Didática; e A Aprendizagem. A primeira sessão continha questões para avaliação das potencialidades do *Insta* como recurso pedagógico auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Na segunda sessão, o objetivo era avaliar a relevância da SD. Na terceira sessão, pretendeu-se avaliar a aprendizagem dos alunos em relação à temática abordada na SD.

Nas questões fechadas, foi adotada a escala do tipo Likert^{iv}, por meio da qual os alunos poderiam expressar seu grau de concordância com as afirmativas propostas, de acordo com os seguintes índices: 5 – Concordo totalmente; 4 – Concordo parcialmente; 3 – Indiferente; 2 – Discordo parcialmente; 1 – Discordo totalmente.

O questionário foi enviado pela professora via grupos de *whatsapp* das oito turmas de 3ª série, tendo sido estipulado um prazo de uma semana para responderem. Passada uma semana, havia 62 respostas. As análises dos dados coletados pela observação e caderno de campo foram produzidas com base nas teorias apresentadas no referencial teórico. As respostas dos alunos ao questionário foram categorizadas de acordo com a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

Resultados e discussões

Apresentam-se aqui os resultados obtidos e analisados a partir dos instrumentos de coleta de dados: observação, questionário e atividades avaliativas feitas durante a sequência didática.

Analisando-se o questionário aplicado pós SD foi perguntado sobre o perfil do alunado, em relação à idade, jovens entre 15 e 21 anos, e ao gênero, presença majoritária feminina, sendo 67,7%. Entende-se que a pergunta sobre o gênero é de extrema relevância nesta pesquisa tendo em vista o tema abordado, que, de forma geral, trata de questões feministas e acaba interessando mais às meninas que sofrem com isso. Essa afirmação se dá a partir da observação da professora nas aulas. As meninas participam mais, discutem e defendem suas posições. Quando foi abordado sobre o Machismo Estrutural durante as aulas, foi frisado muitas vezes e debatido que o machismo não atinge somente as mulheres, mas toda a sociedade. Portanto os homens também sofrem com o machismo, sendo assim uma temática muito relevante para ambos os gêneros. Entretanto não é dessa forma que muitos homens entendem. A ideia de superioridade masculina é tida como algo bom e natural pelos homens e até mesmo pelas mulheres. Eles não querem perder essa posição, tomam-na como positiva e, muitas vezes, não percebem ou ignoram as mazelas que podem trazer, justamente por estarem num lugar confortável, na visão deles. Conforme Drumont (1980, p. 82), “O machismo pode ser genericamente considerado como um ideal a ser atingido por todos os homens e acatado e ou invejado pelas mulheres”.

Isso pôde ser verificado em uma das atividades propostas no *instagram* quando foi solicitado que analisassem propagandas de certas marcas que colocam mulheres como protagonistas dos comerciais, sempre com roupas muito curtas, em posições consideradas sensuais e até mesmo de biquini, fazendo referência indireta

ao sexo. Alguns meninos dizem não haver problema nas propagandas, acham normal e ainda afirmam que não faz sentido entender esses comerciais como forma de violência, de violência simbólica. Na propaganda da BurguerKing, que expõe a mulher comendo um lanche de tamanho maior fazendo referência ao sexo oral, quando perguntado se havia violência simbólica, um aluno responde:

Não! O que vale é a cabeça poluída de cada um ao ver a imagem. Um movimento normal ao se comer um lanche não pode ser comparado a um ato sexual. (...) (Aluno C, turma 3003)

Enquanto todas as meninas, sem exceção responderam sim, há violência simbólica no comercial, como nesta resposta que questiona o comentário do menino acima:

Sim! Para quem tem no mínimo senso, é nítido a mulher sendo sexualizada nessa imagem. É repugnante ver que há indivíduos que defendem e alegam que isso não se trata de uma violência contra nós mulheres. (Aluna N, turma 3005)

A partir dessas respostas retiradas de uma das atividades propostas, percebeu-se que as meninas, já no início das aulas, tinham um entendimento sobre as violências que a mulher sofre e não naturalizavam certos tipos de conduta. Já alguns meninos viam como naturais certas práticas. Por isso a pergunta do gênero era importante. Porque meninos e meninas vivenciam gênero de formas distintas e, portanto, interpretam situações também de formas distintas. Conforme Louro (1997, p. 23) “As concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.” Mulheres negras vivenciam gênero diferentemente das mulheres brancas. Mulheres pobres vivenciam gênero diferentemente das mulheres ricas e assim por diante, também se tratando dos homens. A posição que uma pessoa ocupa em relação à classe, etnia, sexualidade, etc. faz com que vivencie e perceba gênero de forma diferenciada. Então, geralmente, para uma mulher, ouvir uma música que traz em sua letra ofensa às mulheres, a faz entender como uma violência, pois ela vivencia isso no dia a dia. Já para o homem, a mesma música não terá o mesmo efeito, pois ele não sofre com isso.

A Rede Social Digital Instagram

Como já especificado anteriormente, a escolha do *Instagram* como recurso para a realização das atividades propostas se deu por ser uma das redes sociais digitais mais utilizadas entre os jovens hoje e também em razão de os alunos desta pesquisa preferirem esta rede, entre as outras opções oferecidas para a aplicação da proposta, *Facebook* e *Twitter*, quando perguntados em sala de aula.

No questionário de avaliação, quando perguntados sobre o uso do *Instagram*, a maioria das respostas em todas as perguntas foram positivas. Afirmaram que a experiência de participar de atividades foi prazerosa, que o processo de ensino-aprendizagem foi mais fácil e prático; que o debate, por meio dos comentários nas postagens, foi importante para a desconstrução de ideias; que a abordagem dos conteúdos tornou as aulas mais dinâmicas e significativas; que as aulas a partir das *lives* foram relevantes e interessantes. Portanto nota-se aqui que o objetivo de tornar o *instagram* um recurso pedagógico para auxílio no processo de ensino-aprendizagem foi alcançado. Mas importa também destacar as sugestões feitas pelos alunos para melhoria na condução do processo.

Mais de 80% dos alunos concordaram que foi prazerosa a experiência de participar de atividades e avaliações pelo *instagram*. Em tempos de pandemia, ter aulas mais agradáveis e prazerosas é fundamental para o desenvolvimento deste estudante. Segundo pesquisa do Instituto Datafolha de 9 de novembro de 2020, o “Percentual de alunos desmotivados em estudar na pandemia chega a 54% em setembro”. Sobre isso, Charlot (2013) traz uma interessante distinção entre motivação e mobilização. Para ele “a motivação é externa, ao passo que a mobilização é um fenômeno interno: motiva-se alguém de fora, enquanto mobiliza-se a si mesmo de dentro” (CHARLOT, 2013, p. 160). Portanto os alunos devem se mobilizar por si só, mas, ainda segundo o autor, “o problema é saber como podemos despertar no aluno um movimento interno de aprender” (idem, ibidem). Isso diz muito sobre o que é a escola, qual significado a escola tem para os alunos e como podemos modificar nossas práticas para fazer com que se mobilizem.

A estrutura escolar existente até o momento, construída historicamente, foi baseada nos moldes da prisão e da indústria. Conforme Sibilía

O modelo analógico da sociedade disciplinar foi a prisão, pois nela se inspiravam e decalcavam todas as demais instituições, inclusive a escola. E seu principal mecanismo de poder era o confinamento, ou seja, o trancafiamento num espaço e num tempo minuciosamente pautados e regulamentados. (SIBILIA, 2012, p. 174).

Esse modelo, entretanto, não serve ou não cabe mais aos tempos atuais, tem se tornado obsoleto, a partir do momento em que “as tramas atraentes da conexão” tomam lugar dos moldes de confinamento. (SIBILIA, 2012). Os professores, porém, evitam o uso de tecnologias digitais nas aulas e a escola impõe leis que proíbem celulares em sala, pois há uma “[...] sensação de que a internet dispersa os alunos mais do que os seduz nas aulas...” (RIBEIRO, 2016, p. 106).

Sendo assim, parece que os jovens estão vivendo um confinamento de duas formas, primeiro, pelo próprio confinamento do espaço, por estarem presos em salas de aulas e segundo, por um confinamento virtual, no sentido que são proibidos de estarem conectados nos horários de aula. Fora das salas, eles são livres, porque estão conectados e desconfinados, dentro das salas estão confinados e desconectados. Então, para driblar as eventuais proibições das hierarquias escolares, “costumam recorrer a essas conexões para sobreviver a chatice que implica ter que passar boa parte de seus dias encerrados nas salas de aula, mais desesperadamente desconectados que disciplinadamente confinados.” (SIBILIA, 2012, p. 177).

Foi pensando nesse novo *habitus* do aluno, que se propôs um novo uso do *Instagram*, uma nova forma de se relacionar e interagir nessa RSD, para um novo objetivo, o de desnaturalização e desconstrução. O gosto que os alunos tiveram por esse novo “uso” do *Insta* também foi confirmado a partir de uma enquete feita no *Insta* pelo *sticker* enquete, na qual se pergunta: *Vocês estão gostando de fazer atividades pelo Instagram? Sejam sinceros!*

Em todas as turmas a maioria respondeu que estavam adorando fazer as atividades no *Insta*, uns responderam assim:

Figura 1 – Percepção dos alunos sobre as atividades da sequência didática



Fonte: Print de um dos perfis das turmas no *Instagram*.

Vale lembrar, mais uma vez, que este trabalho não tem a intenção de colocar as TDIC como soluções universais para todos os problemas da Educação atual. Pretende-se mostrar como esses recursos podem auxiliar, otimizar, ajudar, apoiar, contribuir, facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Conforme afirma Moran,

A Internet propicia a troca de experiências, de dúvidas, de materiais, as trocas pessoais, tanto de quem está perto como longe geograficamente. A Internet pode ajudar o professor a preparar melhor a sua aula, a ampliar as formas de lecionar, a modificar o processo de avaliação e de comunicação com o aluno e com os seus colegas. (MORAN, 2001, p. 01)

Portanto, a utilização desses meios tecnológicos se torna fundamental para melhorar a aula, ampliar as formas de ministrar uma aula, diversificar os métodos de ensino, e até mesmo de avaliação. De acordo com as respostas dos alunos, esses meios podem facilitar o modo de aprender e tornar mais prático o processo de ensino-aprendizagem.

A proposta, como se pode perceber, foi bem recebida pelos alunos e colocada em prática de forma prazerosa e fácil. Na questão três, perguntou-se sobre a importância dos debates como fóruns de discussão, método muito utilizado atualmente na EaD, já que, conforme Martins e Alves (2016, p. 111), “um dos aspectos mais positivos da utilização do fórum de discussão enquanto instrumento avaliativo é a promoção da aprendizagem por meio da relação entre os sujeitos na dinâmica do ensino e da aprendizagem”.

Mais de 86% dos alunos concordam que o debate foi importante para expor e desconstruir opiniões por meio das postagens. Esse ambiente é muito importante, pois propicia um debate constante e sem limite de tempo e/ou momento estipulado para falar. No *insta*, notou-se uma abertura e uma confiança maior para exporem suas ideias. Segundo Franco (2012, p. 17-18) “Máscaras sociais são posturas sociais que necessitamos assumir-nos diferentes tempos e espaços da sociedade. Os arrolamentos de poder entre os indivíduos causam as máscaras sociais.”

Na concepção da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung (2000; 2016), o sujeito tem a possibilidade de criar um personagem que pode não ser ele mesmo, como se tivesse várias personalidades, é o *Arquétipo Persona*. O indivíduo deseja ser aceito e acolhido, então, para passar uma impressão favorável, necessita criar esta *Persona*, criando máscaras sociais. Já na internet, por detrás de uma tela, a pessoa

não precisa criar “personas”, há uma certa segurança, pois o indivíduo tem mais tempo para pensar no que escrever e falar e qualquer crítica pode ser ignorada, desligando-se o celular, o computador, bloqueando-se a pessoa, etc.

Os alunos consideraram que os conteúdos foram bem trabalhados e discutidos, a partir das postagens e comentários no *insta*. Esse dado também pode ser confirmado a partir das avaliações das atividades, a avaliação da aprendizagem. Segundo Moretto (2014, p. 118), a avaliação é parte do ensino e da aprendizagem e avaliar a aprendizagem tem sentido amplo, “é feita de formas diversas, com instrumentos variados, sendo o mais comum deles, em nossa cultura, a prova escrita.” Portanto, elaborou-se uma prova, utilizando o próprio *insta*. Foram cobradas todas as temáticas vistas durante o bimestre: Violência simbólica; Feminismo; Gênero; Equidade de Gênero; Estereótipos de gênero; e Cultura do estupro, conforme exemplo de uma questão na figura a seguir.

Figura 2 – Avaliação pelo feed do Instagram



Fonte: Print de um dos perfis das turmas no Instagram.

Foram elaboradas nove questões, cinco discursivas, em forma de postagem no *feed*, a partir de imagens, frases, charges e memes e duas objetivas no *story*, a partir dos *stickers* teste, enquete e pergunta.

A avaliação da aprendizagem precisa ser coerente com a forma de ensinar. (MORETTO, 2014, p. 119). Deve ser cobrado o que foi visto, além de seguir os princípios que sustentam tal concepção, como, por exemplo, entender que a avaliação da aprendizagem é um momento privilegiado de estudo, e não um acerto de contas. Como feito aqui, os estudantes tinham a possibilidade de acessar materiais durante o momento da prova, já que estavam *online*, e ainda ver a resposta dos outros colegas,

podendo repensar e modificar a sua, refletindo novamente sobre os conceitos estudados. As atividades feitas anteriormente também estavam acessíveis a eles a qualquer momento, podendo retornar para dirimir possíveis dúvidas e confirmar ideias. Sendo assim, “a finalidade tanto do ensino como da avaliação da aprendizagem é criar condições para o desenvolvimento de competências do aluno.” (MORETTO, 2014, p. 124)

Considerações finais

O ensino das Ciências Sociais, especificamente o de Sociologia, ainda é muito descredibilizado nas escolas, muitas vezes por parte da própria direção, de professores, dos alunos e, no cenário atual, até mesmo do governo. Neste trabalho, demonstrou-se a importância do ensino de Sociologia no século XXI para formar jovens reflexivos, conscientes e críticos, que pensem a realidade e questionem para que tenham a possibilidade de promover mudanças sociais quando necessárias.

Uma dessas mudanças está relacionada à questão da violência simbólica dirigida às mulheres, principalmente a partir das mídias e redes sociais digitais, pois foi a partir desses meios que esse tipo de violência se insuflou, o que pode ter causado o aumento das outras formas de violência concretas e visíveis. A Sociologia se justifica, portanto, como fundamental, pois é ela que promove o debate dessas discussões no ambiente escolar. É a Sociologia que proporciona o estranhamento e a desnaturalização dos fenômenos sociais, incentivando os estudantes a serem agentes transformadores do contexto em que vivem, da realidade que os cerca.

A violência simbólica pode ter sido amplificada a partir das mídias e redes sociais digitais, mas não foi nesse espaço que ela se originou. Se a internet tem o poder de reproduzir essas violências em grande escala, também poderá causar o efeito contrário, o de desnaturalizar essas violências, contribuindo para promover a equidade de gênero, o empoderamento feminino, o desaparecimento dos estereótipos de gênero, da cultura do estupro, etc. E nada melhor para provocar nos adolescentes esse processo de desnaturalização do que o uso pedagógico de uma rede social digital, o *Instagram*, aliada a um método de ensino.

O objetivo de promover um processo de desnaturalização da violência simbólica às mulheres também foi alcançado, pois os alunos demonstraram, a partir das atividades, um apelo à equidade de gênero, à valorização da mulher e ao

empoderamento feminino, rejeitando qualquer tipo de reprodução de estereótipos, ou incitação à violência.

A hipótese deste trabalho se construiu na ideia de que, se as mídias e redes sociais digitais são meios que amplificam e reproduzem a violência simbólica às mulheres, também podem ser instrumentos de desnaturalização desta violência. E isso foi confirmado na pesquisa, pois, com o decorrer das aulas, os estudantes foram desnaturalizando ideias que versavam sobre o Machismo, a Cultura do estupro e a Violência simbólica, demonstrando essa nova postura a partir das atividades propostas na SD e publicizadas pelo *instagram*. Na reescrita das frases machistas, manifestaram empoderamento feminino e igualdade de gênero, na reprodução das propagandas, apresentaram homens e mulheres como iguais e livres. E, na análise das músicas, conseguiram perceber e nomear quando se encontrava violência simbólica, apologia ao estupro, ou afirmação dos estereótipos de gênero.

Referências

BRASIL. **Lei nº 11.684, 2 de junho de 2008**. Altera o art. 36 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Diário [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 3 jun. 2008, p.1. <<Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm>> Acesso em: 9 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 01 ago. 2019.

BRASIL. Parecer CNE/CP n. 11, de 7 de julho de 2020 – Preleciona Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio** – OCNEM's. v. 3 Brasília, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf>> Acesso em: 9 set. 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
_____. (1983). **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

DAMIANI, M. F. et al. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica**. Cadernos de educação, n. 45, p. 57-67, 2013.

DRUMONT, M. P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

FRANCO, Bruno Cezar Silva. **As máscaras sociais e o processo de interação social no convívio do obeso**. Psicologia O portal dos psicólogos. Monografia, 2012.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel. A construção da pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. p. 43-64. (Educação a Distância, 5).

GOFFMAN, Erving (1963). **Stigma**. Notes on the Management of Spoiled Identity. New York, Touchstone.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, vol. 2, 2000.

LIBANEO, José Carlos, OLIVEIRA, João Ferreira de, TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Docência em Formação).

Louro, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36

MARTINS, Alexandra da Costa Souza; ALVEZ, Lucicleide Araújo de Sousa. O Fórum de Discussão como Instrumento Avaliativo de Aprendizagem. **INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO: teoria & prática**. Porto Alegre, v.19, n.2, jun./set. 2016. Disponível em: <<<https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/62540>>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

MORAN, José Manuel. Desafios da Internet para o professor. In: **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 12 ed. Campinas: Papyrus, 2006, p.12-17. Disponível em: Acesso em: 20 fev. 2008.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

PALLOFF, Rena M; PRATT, Keith. **O Aluno Virtual**: um guia para trabalhar com estudantes on-line. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RECUERO, R; SOARES, P. **Violência simbólica e redes sociais no facebook**: o caso da fanpage “Diva Depressão”. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

RIBEIRO, Ana Elisa. Tecnologia digital e ensino: breve histórico e seis elementos para a ação. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.19, n.2, p. 91-111, jul./dez. 2016. Disponível em: <<<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/viewFile/1441/995>. Acessado em 07-10->> Acesso em: 9 set. 2019.

SARANDY, Flávio M. S. Reflexões acerca do sentido da sociologia no ensino médio. IN: Carvalho, L.M.G. (Org.). **Sociologia e ensino em debate**. Experiências e discussões de sociologia no ensino médio. Ijuí, Ed. Unijuí: 2004.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.
SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes**: A escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA JÚNIOR, Severino Domingos da; COSTA, Francisco José. Mensuração e Escalas de Verificação: uma Análise Comparativa das Escalas de Likert e Phrase Completion. **Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia (PMKT)**, v. 15, p. 1-16, 2014.

SILVEIRA, Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto; BAZZO, Walter. Ciência, tecnologia e suas relações sociais: a percepção de geradores de tecnologia e suas implicações na educação tecnológica. **Ciência e Educação**, v. 15, n. 3, p. 681-694. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v15n3/14.pdf>

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

Notas

ⁱ No ERE, a aula ocorre num tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), com videoaula, aula expositiva por sistema de *webconferência*, e as atividades seguem durante a semana no espaço de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de forma assíncrona. Parecer CNE/CP n. 11, de 7 de julho de 2020.

ⁱⁱ As OCNEM são orientações que foram desenvolvidas pelas equipes técnicas dos Sistemas Estaduais de Educação, professores, alunos e representantes da comunidade acadêmica a partir de ampla discussão com o objetivo de contribuir para o diálogo sobre a prática docente entre professor e escola. (BRASIL, 2006).

ⁱⁱⁱ “Um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas” (BOURDIEU, 1983, p. 65).

^{iv} A escala Likert considera um construto, a respeito do qual é desenvolvido um conjunto de afirmações, para as quais os respondentes emitirão seu grau de concordância (SILVA JÚNIOR; COSTA, 2014).

Sobre os autores

Solange Naegele Silva Braga

Mestra em Ensino e suas Tecnologias pelo Instituto Federal de Produção, Ciência e Tecnologia Fluminense – Rio de Janeiro. Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (2013). Atualmente é professora da educação básica pública e privada da cidade de Campos dos Goytacazes.

E-mail: solangenaegele@hotmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-2493-0045>

André Fernando Uébe Mansur

Doutor em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Graduação em Administração pela Universidade Candido Mendes (UCAM). Professor do Instituto Federal Fluminense (IFF). Professor e Coordenador do Mestrado em Ensino e suas Tecnologias (MPET). Professor do Mestrado Profissional em Educação Tecnológica (ProfETP). Professor do Mestrado em Sistemas Aplicados à Engenharia e Gestão (SAEG).

E-mail: andreuebe@gmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-1909-7300>

Thiago Soares de Oliveira

Pós-Doutorando em Letras pela Universidade da Beira Interior. Professor da Licenciatura em Letras (Português e Literaturas) do Instituto Federal Fluminense, da Especialização em Literatura, Memória Cultural e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional.

E-mail: so.thiago@hotmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-3078-0058>

Recebido em: 14/07/2021

Aceito para publicação em: 02/09/2021